
B. LIMA COELHO J.-P.

Palacio dos arcebispos de Braga

Deve ter muita antiguidade o paço archiepiscopal de Braga. Todavia, não temos achado noticia alguma que nos esclareça sobre a sua primitiva fundação.

Parece, e é provavel, que o primeiro paço sería contiguo á sé. Esse era o uso antigo, no tempo em que os prelados viviam com os seus conegos em communidade, como os monges em um mosteiro. No principio da nossa monarchia ainda prevalecia este uso. É pois de crer que o paço actual fosse fundado por todo o correr do seculo XIII.

Não começou, certamente, por um edificio esplendido, nem mesmo vasto, porque a isso se oppunham os costumes singelos e o viver frugal dos nossos maiores n'essa epocha remota, qualquer que fosse o seu estado ou jerarchia. D'essa primeira fabrica, portanto, nada resta. O palacio que ora vemos é obra de diversos arcebispos, e construcção de eras muito afastadas umas das outras.

Não tendo condição alguma que o recommende como monumento artistico, nem mesmo como monumento historico, salvo a circunstancia de ter servido de residencia a muitos prelados, benemeritos da patria, e distinctos por seu saber e virtudes, parece-nos escusado estarmos a accumular razões e a aventurar conjecturas, para decidir se esta ou aquella parede, sem feição architectonica, foi mandada construir pelo arcebispo fulano ou sicrano.

Abstrahindo-nos, por conseguinte, de taes miudezas, diremos que este edificio apresenta no seu aspecto geral duas epochas de construcção pouco distantes uma da outra, e cujos typos de architectura apenas se distinguem pelas feições mais pesadas e desengraçadas do mais antigo. Vê-se este ultimo na fachada que olha para o lado da sé, da qual está proxima.

Esta fachada, composta de lojas e de um andar de janellas de sacada, sem ornato algum, nem elegancia na fórma, guarnece por tres lados uma praça, cujo centro é adornado por um chafariz de feitio acastellado. Denuncía toda essa parte do palacio o mau gosto das construcções na segunda metade do seculo XVI. Cremos que n'esta epocha é que foi construida, ou reedificada, porque não mostra signal algum caracteristico da architectura gothica, seguida até quasi ao fim da primeira metade do dito seculo; antes revela, na falta absoluta de estilo architectonico, a transição que então se operava do estilo gothico para o classico, commummente chamado do *renascimento das artes*. O convento de Nossa Senhora do Populo, fundado pelo arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro no campo da Vinha, da mesma cidade, no fim do seculo XVI e principio do XVII, prova, pelo seu estilo já definido de architectura classica, que foi construido posteriormente á referida frontaria do paço archiepiscopal.

O chafariz foi feito em 1723, por ordem do arcebispo D. Rui de Moura Telles. Tem muita obra de esculptura, mas pouco delicada, porque não se presta a delicadezas a qualidade da pedra, que toda é granito. O desenho d'este chafariz é mais original por desusado, do que bello como obra de bom gosto. O tanque tem alguma similhança com uma fortificação militar. No meio d'elle levanta-se um pedestal, onde um grupo de umas seis figuras sustenta uma grande taça, cujas bordas representam uma cêrca de muralhas ameiadas, com suas torres erguidas a espaços. Eleva-se do centro da taça uma alta torre quadrangular, com varios andares guarnecidos de adarves resaltados com ameias, e tudo coroado por uma estatua allegorica.

A outra fachada do palacio, a que acima alludimos, mostra-a a nossa gravura, e foi mandada construir pelo successor de D. Rui de Moura Telles, o arcebispo D. José de Bragança, filho natural del-rei D. Pedro II, e legitimado por el-rei D. João V, seu irmão. Este principe, que foi assumpto á cadeira primacial em 1741, contando 38 annos de edade, e que falleceu com 53 em 1756, deixou commemorado o seu governo com muitas obras grandiosas, não só no seu paço e na sua cathedral, mas tambem em logares publicos para aformoseamento da cidade.

Não era necessario saber-se a era da edificação d'esta frontaria do paço archiepiscopal, por quanto n'ella estão bem impressas as feições que caracterisam entre nós uma epocha importante da architectura nacional, importante, sem duvida, se não pelos primores d'arte que creou, ao menos por numerosos monumentos que erigiu com grandeza e regularidade. A obra de D. José de Bragança não sobresae por belleza de fórmas ou de ornamentação, porém ostenta certa nobreza e austeridade, que, reunidas ás proporções mais ou menos colossaes, constituem o typo, simplesmente contornado, da architectura sob o longo reinado de D. João V.

Compõe-se a dita fachada de tres corpos, o do centro recolhido, e no qual se acha a entrada principal, com uma nobre escadaria, e os dois lateraes resaltando, e tendo nos dois cunhaes, fronteiros um do outro, os escudos de armas do fundador. Toda esta parte do palacio está presentemente occupada com a secretaria do governo civil e mais repartições publicas, para o que tem muitas e excellentes salas.

A parte habitada pelos arcebispos tambem é vasta, e tem diversas frentes. Encerra uma grande capella publica, consagrada a Nossa Senhora da Conceição, e tem contiguos jardim e cêrca com pomares e horta, bem fornecidos de agua.

A praça, que se estende defronte da fachada de que é cópia a nossa gravura, chama-se *Campo dos Toiros*. É muito espaçosa: está plantada de arvoredo, e ajardinada, ornando-lhe o centro um chafariz de architectura singela, mas não destituida de elegancia. Por fóra das arvores guarnecem-n'a pelos tres lados bons edificios. N'esta praça faz-se um grande mercado semanal, muito concorrido de todos os generos necessarios á subsistencia, e muitos de regalo, pois que a cidade de Braga é uma das povoações do reino mais mimosas de bons fructos, e de creação de toda a especie.

A gravura d'este palacio, bem como a da exposição agricola, publicada em o numero antecedente, foram copiadas de duas photographias do sr. Seabra. A photographia da exposição é de grandes dimensões, e honra o distincto artista; tambem cabe não menos honra ao sr. Barbosa Lima e ao sr. Pedroso; ao primeiro pelas difficuldades que tão habilmente venceu na reducção do desenho, e ao segundo pela perfeição com que executou a gravura.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FERNÃO DE MAGALHÃES

(Conclusão. Vid. pag. 309)

IX

Se ha uma gloria nacional que tenha por titulos incontestaveis a grandeza de um feito sem precedente, sem exemplo na historia das antigas navegações, é sem duvida a que resulta a Portugal de haver dado o berço, de haver educado em suas armadas e conquistas, e de haver apparelhado para seus notaveis descobrimentos, ao insigne e nunca bastante encarecido portuguez Fernão de Magalhães.

Foram navios castelhanos que singraram em demanda de tão suspirada passagem do Atlantico para o Pacifico. Mas era um portuguez que ia por capitão d'aquella frota, e eram ainda idéas portuguezas, brios portuguezes, alentos portuguezes, bizarria portugueza, os que endireitavam o rumo na solidão dos mares, os que luctavam contra as insurgidas tripulações, os que pelejavam contra a ferocidade dos gentios, e que conquistaram para uma coroa estranha as Filippinas.

A divisa com que o monarcha das Hespanhas condecorou a gloria e o brazão de Sebastião de Elcano, aquelle *primus circumdedisti me*, com que se adornou a cimeira do afortunado navegador, estava talhada para ennobrecer o escudo de Magalhães. Roubou-lh'a, porém, a fortuna e a morte, para que não falhassem nem d'aquella vez os destinos de Portugal, que onde haja que dar sangue e vida para sellar uma nobilissima empreza de civilisação, e um alto feito de armas, primeiro sejam portuguezes os que próvem as armas dos contrarios.

Foi por este custoso mas honrado privilegio, que vieram a frustrar-se as doiradas esperanças do nosso benemerito portuguez. Saíu a pelejar em Matan. Adiantou-se a rebater o impeto e a cilada d'aquelles ferocissimos naturaes. E como quem tomava a primazia no arremesso e no valor, assim teve tambem a preeminencia no martyrio.

Mas dizei vós, os que avaliaes a gloria pelos premios, e o merito pela fortuna, vós que esperaes que o circulo seja inteiramente delineado para avaliar da perfeição e harmonia da sua figura, dizei-nos: onde estão as excellencias que recommendem á veneração da posteridade e aos marmores da historia, primeiro o nome de Elcano que o appellido de Magalhães? Que anteponham Elcano, que foi obscuro em quanto passaram os principaes trabalhos d'aquella famigerada navegação, a Fernão de Magalhães, por cuja industria, diligencia e ousadia, correram os cuidados e successos d'aquella perigosa e aventureira travessia de um mar para outro mar, onde não havia nem cartas, nem roteiros, nem tradições, senão a idéa sublime de um só homem a valer sósinho por armadas poderosissimas, por favores da fortuna, por enthusiasmo dos companheiros, por cega obediencia dos mareantes?

Foi por ventura Elcano, que não hesitou em incorrer na taxa de filho desnatural, por mal comprehendido, para deixar a patria, que nunca se engeita sem grandes amarguras do coração, e ir-se a Castella mendigar quatro taboas e alguns homens com que pôr-se a caminho em busca da sua terra ou do seu mar da promissão?

Foi por ventura Elcano que, em Sevilha e na corte, andou lidando por superar resistencias, por amaciar repugnancias, por induzir animos vulgares, e por isso rebeldes a toda a idéa generosa, por abrir olhos que mal alcançavam os dilatados e clarissimos horisontes, por onde se arremeçou triumphante a mirada do genio, e o vôo d'estas aguias humanas que precedem na carreira os exercitos da civilisação?

Vêde e considerae quantas difficuldades não venceu a perseverança do illustre portuguez!

Que maior e mais pungente affronta do que a recebida do seu rei, quando o despacho dos serviços e a mercê do sangue derramado é o desdem da corte e o desprezo dos cortezãos!

E Fernão de Magalhães padeceu os opprobrios do rei e dos aulicos; e aquelle que tinha na dextra um novo mar e novas terras para engrandecer a navegação e a conquista de Portugal, foi havido por homem arrogante e de perigosas invenções, por aquelles mesmos que haviam, não longos annos, repellindo os sonhos sublimes, os erros fecundos do immortal Colombo, que haviam dado de presente a Castella a maior e mais opulenta monarchia de quantas vira o mundo, desde os mais pujantes imperios da antiguidade.

Teve Fernão de Magalhães de deixar o nome e qualidade de portuguez. E pensaes que para os proprios iniciadores e instrumentos providenciaes da civilisação, com serem por indole e essencia do seu destino necessariamente cosmopolitas, não ha de ser custosa esta solemne emancipação com que saem do girão da patria, e a desherdam de seus ossos venerandos, do seu nome e das suas glorias?

E Fernão de Magalhães passou por este lance, a que o forçou aquella raça de homens que cerram as fileiras em redor dos reis, para que não lhe possam dar na vista os reflexos esplendidos do genio que se adianta para pedir o seu logar.

E Fernão de Magalhães deixou a patria. E que patria? Nada menos que Portugal, nada menos que a terra que enchia então o mundo com a sua fama, nada menos que a moderna Roma da moderna civilisação, a terra classica da gloria e da conquista por essas regiões orientaes, ainda quasi fabulosas para o resto da Europa christã.

E deixou a patria nativa para buscar, aonde a sua nova patria de adopção? Em Castella. Ahi vemos onde esteve a grandeza do sacrificio. Que desampare Portugal para se ir a outro reino, já é de si amargo para tão generoso coração! Mas que o desampare por Castella, por Castella, a inimiga jurada de Portugal n'aquelle tempo, por Castella, a émula, por Castella, em cujo odio começavam a arder no berço os peitos heroicos de Portugal! Essa foi a grande fineza que o nosso insigne portuguez votou á civilisação e á humanidade.

Tinha uma alta idéa, uma nova missão o illustre navegador. Na patria não só lhe não aprestam galeões, senão que o ameaçam quasi com as galés. Deixará esteril aquella empreza, a que mais quer do que á vida, e o que mais é para um portuguez e cavalleiro, a propria reputação? Não póde ser.

Castella acolhe, ainda que com a hospitalidade do egoismo, os que lhe levam as páreas de uma conquista nova. Irá pois a Castella, porque tem armadas, porque aspira ao senhorio do universo, porque não engeitou a empreza de Colombo, e porque os leões do seu estandarte tremularam já nas mãos de Valboa nas plagas do mesmo mar que Fernão de Magalhães queria ser o primeiro a percorrer.

Não é facil, porém, decidir Castella. É mister luctar com Castella para a opulentar. Vem a sciencia cosmographica de Magalhães desfazer as objecções dos ministros e officiaes que intendem nas coisas do Novo Mundo.

Acabou o heroe com boa fortuna a primeira campanha, que foi a da corte. Já se apparelham as caravellas, já se lhe fazem prestes os bastimentos e munições. Ala! Adeus, praias das Hespanhas! Agora boa fortuna e boa viagem!

É Magalhães que dirige a frota. É elle que véla as noites no camarim, em mil sobresaltos, não lhe venha a má sorte assombrear de suas tintas negras a perspectiva ridente que se lhe afigura ao cabo de sua navegação. É elle que na tolda, por noites de aguaceiros e de tempestade, vigia impavido pelas caravellas que vão em sua armada. É elle que, chegado á bahia de S. Julião, desconcerta, com sua altiva previdencia e temerario arrojo, a conjuração dos capitães mal avindos com o portuguez. É elle quem salva a expedição da ultima ruina. É elle que põe o peito á mais audaz empreza, cruzando pela primeira vez o estreito que attestou para sempre com o seu nome o feito eximio do valoroso capitão. É elle quem aporta ás Philippinas, quem ajusta paz e alliança com os principes naturaes. É elle quem accommette a Matan, com maior esforço que fortuna. É elle finalmente quem rega com o seu sangue, para que seja fecundo, o archipelago que descobrira, para que sempre andasse o mundo acostumado a ver arrotear as terras da nova civilisação com o ferro de Portugal, e humedecêl-as com o sangue portuguez.

Não foi pois a gloria principal a de Elcano, senão a de Magalhães. O portuguez desbravou, arou, e amanhou o torrão d'aquella empreza. O castelhano ceifou as messes que o outro fizera enraizar com os carinhos de bom agricultor.

Mas Elcano voltou, e Magalhães jazeu, mal sepulto, nas areias de uma praia brava.

Magalhães caiu, quando eram passados os trances gloriosos d'aquelle circuito aventuroso de milhares de legoas, o qual não ousariam nem sequer phantasiar como poema, os que admiraram na antiguidade os periplos de Scyllax e de Hannon, e os que contaram a famosa expedição dos Argonautas.

Os triumphos são sempre do que volta das conquistas. Mas as estatuas podem pertencer aos que ficaram nos campos de batalha. Nas emprezas arduas, e quasi sobrehumanas, o ir a ellas é esforço, o voltar é fortuna.

Dir-se-ha (se póde comparar-se a navegação dos homens á navegação de Christo, e a barca da conquista terrena á barca da eterna salvação), dir-se-ha por ventura que mais glorioso foi Pedro, porque chegou a ter a sua cruz em Roma, na metropole do mundo antigo, do que Jesus Christo, porque esperou na cruz do Golgotha, em terra sujeita e conquistada? Dir-se-ha que maior foi o merito de Paulo, que o de Christo, porque o apostolo converteu mais gente do que o divino mestre, que não transpoz jámais as fronteiras de Israel? Mas onde estava Paulo, quando Christo prégava, e convertia, e ensinava, e agonisava no horto de Gethsemani, e padecia as affrontas da paixão, e morria no madeiro do supplicio, e illuminava a terra inteira com o immenso e divino clarão da sublime e sacrosanta doutrina que ensinava?

Assim de Magalhães e do seu continuador. Elcano achou-se em Bornéo, já em terra d'antes descoberta e conhecida, guia e capitão das ultimas reliquias de uma frota de cinco naus. Qual foi a sua missão? Conduzir ás Hespanhas os tropheos de uma batalha, os despojos de uma conquista, o roteiro de uma viagem, a fama de uma alta façanha consummada. Mais que aventuroso capitão, poderiamos chamar-lhe correio aventurado.

Desde onde Elcano tomou a capitania da expedição já não havia mares ignotos, nem terras que não fossem lustradas de portuguezes. Era tudo mundo conhecido.

Fernão de Magalhães é pois, e será sempre, o nome mais illustre de toda aquella grande e arriscada navegação.

Quando a patria se lembrar de lhe erigir estatua, para annullar generosamente a desnaturalisação do benemerito portuguez, e para amnistiar a culpa do patriotismo com a justificação da gloria, é no globo que deve figurar como o principal attributo de Fernão de Magalhães, que deve estampar-se a divisa gloriosa: *Primus circumdedisti me.*

X

APPENDICE Á BIOGRAPHIA

Foi tão grande e tão ambiciosa a gloria do nosso afamado portuguez, Fernão de Magalhães, que não se pagou apenas de deixar nos mares do Novo Mundo as immorredoiras tradições do seu feito memoravel, senão que no proprio ceo assentou padrão e monumento, com que tambem nos fastos da sciencia fosse lembrado um nome já celebrado nos annaes da navegação.

Ha no mar um estreito que tem o nome de Magalhães. Ha no firmamento duas prodigiosas *nebuloses* a que os astronomos e mareantes chamam *nuvens de Magalhães*.

«As nuvens de Magalhães, diz sir John Herschel, citado por Humboldt [1], *nubecula major* e *nubecula minor*, são objectos notabilissimos. Consta a maior de acervos estellares de irregular disposição, de outros acervos esphericos, e de estrellas nebulosas entremeadas de nebuloses irreductiveis. Parece verosimil que estas ultimas são apenas constituidas por uma especie de pó estellar (Star-dust). Mas o proprio telescopio de 20 pés não tem poder bastante para as resolver em estrellas. Produzem aquellas nebuloses uma claridade geral, que illumina o campo da visão, e constituem um fundo esplendido em que os outros objectos se acham disseminados. Nenhuma outra região celeste comprehende tantas nebuloses e acervos estellares no mesmo espaço. A *nubecula minor* é muito menos bella; apresenta maior numero de nebulosidades irreductiveis, e os acervos estellares, que ahi se observam, são menos copiosos e brilhantes.

«Das duas nuvens de Magalhães (diz A. de Humboldt) [2] que giram em redor do polo austral, — d'este polo tão ermo de estrellas que podia dizer-se uma devastada região — a maior principalmente parece, segundo recentes investigações, uma espantosa accumulação de acervos esphericos de estrellas, de maior ou menor grandeza, e de nebulosidades irreductiveis. O aspecto d'estas nuvens, a resplandecente constellação do navio Argos, a via lactea que se vae dilatando entre o Scorpião, o Centauro, e o Cruzeiro tambem, atrevo-me a dizel-o, a apparencia pittoresca de todo o ceo austral, produziram na minha alma uma indelevel impressão».

N'outro logar do seu grande livro [3] accrescenta o eminente sabio prussiano: «Resta-me agora tratar com mais individuação do que deixei escripto n'outro logar, de um objecto unico no mundo dos phenomenos celestes, e que augmenta o encanto pittoresco do hemispherio austral, melhor ainda, e, relevem-me a expressão, a graça da paizagem no firmamento. As duas nuvens de Magalhães, que, segundo toda a verosimilhança, receberam *primeiro dos pilotos portuguezes, e depois dos hollandezes e dinamarquezes* o nome de *Nuvens do Cabo*, captivam, como eu proprio o experimentei, a attenção do viajante, pelo seu esplendor, pelo seu isolamento que melhor as faz sobresair, e pela orbita que descrevem concertadamente em volta do polo sul, posto que a distancias deseguaes. Que o seu nome actual, *que tem evidentemente por origem a viagem de Magalhães*, não seja o primitivo por que foram designadas, resulta da expressa menção e noticia descriptiva, que da translação circular d'estas nuvens luminosas, nos legaram, o florentino André Corsali na sua *Viagem a Cochim*, e o secretario del-rei D. Fernando de Aragão, Pedro Martyr de Anghiera, no seu livro *De Rebus Oceanicis et Orbe Novo*. São do anno 1515 ambas estas indicações, e foi dez annos depois que Pigafetta, companheiro de Magalhães, fallou das *nebiette* (nevoasinhas) no seu diario de viagem, referindo-se ao momento em que a nau Victoria saía do estreito da Patagonia para entrar no mar do Sul».

«Se attentâmos (continúa A. de Humboldt [1]) na importancia nova e sempre crescente que foi tomando esta viagem commercial (a da India pelo Cabo) em consequencia da expedição de Vasco da Gama, e no fim commum de todas as viagens emprehendidas ao longo das costas de Africa, parecerá natural que os pilotos tenham dado o nome de *nuvens do Cabo*, ás duas nebuloses que, em cada vez que o dobravam, lhes despertavam a admiração como phenomenos notaveis».

Deixando de parte a minuciosa descripção physica das duas nebuloses, que estampam no ceo o nome glorioso do nosso Fernão de Magalhães, não entrando no pleito que se move entre os astronomos sobre a origem d'estes phenomenos celestes, quizemos consignar, n'estas ultimas paginas, das que sagrámos á memoria do benemerito portuguez, os testimunhos que dão aos nossos primeiros navegadores a prioridade em haverem modernamente vulgarisado e denominado as chamadas nuvens de Magalhães.

O nome com que a sciencia designou aquellas nebuloses, é o nome de Magalhães. E o mesmo Humboldt, ao referir as palavras com que Pedro Martyr de Anghiera attribue aos portuguezes a gloria do descobrimento [2], dá a razão porque sobre o antigo nome de *nuvens do Cabo*, e sobre outros por ventura de mais remota origem, prevaleceu o de nuvens de Magalhães.

«O alto renome do navegador, diz Humboldt [3], e o tempo que durou a circumnavegação de Magalhães, a qual, havendo começado em agosto de 1519, só veiu a acabar em setembro de 1522, a longa demora de uma equipagem numerosa debaixo do ceo austral, escureceram a memoria de todas as anteriores denominações, e o nome de *nuvens de Magalhães* se diffundiu em todas as nações maritimas que povoam as costas do mar Mediterraneo».

Fernão de Magalhães, mais feliz do que Bartholomeu Dias e do que Vasco da Gama, conseguiu deixar o seu nome por padrão de sua fama no mar que primeiro devassou, no ceo sob que passou primeiro do que nenhum outro navegador.

De Vasco da Gama sabemos que levou ao termo a tão custosa e tantas vezes intentada navegação para as Indias orientaes. Mas nem nas cartas da terra, nem nos planispherios do firmamento, deixou a sciencia estampado o seu appellido. Se no volver dos seculos, porém, se apagassem os traços profundos que a historia insculpiu nos annaes da civilisação, o nome de Magalhães, escripto no mar do sul, e gravado no ceo austral, serviria de encadeiar a tradição, e de proclamar á posteridade a gloria immortal do insigne e malaventurado portuguez.

J. M. LATINO COELHO.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 401)

Fóra d'essas quatro epochas referidas, que constituem de per si, não só os lugubres annaes da torre de S. Julião, mas tambem um dos capitulos mais pa-

[1] *Cosmos*. Trad. franç. de Faye et Galusky. T. I p. 451. Extrait d'une lettre de sir John Herschel, datée de Feldhuysen, au Cap de Bonne Espérance, 13 juin 1836.
[2] *Ibid*. p. 91.
[3] *Cosmos*. T. III p. 402.

[1] *Cosmos*, t. III, .p. 406.
[2] Asseculi sunt portucalenses alterius poli gradum quinquagesimum amplius ubi punctum circumeuntes *quasdam nubeculas* licet intueri veluti in lactea via sparsos fulgores per universi cæli globum intra ejus spatii latitudinem. *Oceanica*. Dec. III lib. I, p. 217.
[3] *Cosmos*. T. III p. 408.

vorosos da historia geral das prisões de estado da Europa, fóra d'essas epochas, repetimos, algumas vezes se abriram as masmorras de S. Julião para receber prisioneiros illustres. No seculo actual tres vezes se verificou este facto. A primeira foi em 1817, sendo a victima o nobre e bravo general, Gomes Freire de Andrade, que ao cabo de curta prisão foi executado na explanada da torre, em quanto que onze conjurados, companheiros seus na mallograda tentativa de plantarem a liberdade n'este paiz, foram justiçados no campo de Sant'Anna, em Lisboa. A segunda foi por occasião dos lamentaveis successos do dia 24 de abril de 1824, em que se encheram as prisões de Lisboa, da torre de S. Julião, e da praça de Peniche, das pessoas mais distinctas do partido liberal. Finalmente a terceira foi em 1847, quando a divisão expedicionaria da junta revolucionaria do Porto, saída d'essa cidade sob o commando do general conde das Antas, foi conduzida prisioneira para a torre de S. Julião. Tambem alli estiveram encarcerados por algum tempo mais de duzentos soldados hespanhoes, victimas das guerras civis, que modernamente dilaceraram a Hespanha.

A torre de S. Julião encerra uma freguezia, cujo orago é Santa Barbara. No centro da fortaleza ergue-se a torre do pharol, edificada em uma rua bem alinhada, e orlada por ambos lados de casas com lojas e primeiro andar. Contém o palacio do governador; aquartelamentos para a tropa da guarnição, que em tempo de paz consta de destacamentos de infanteria e artilheria, fornecidos pelos regimentos de Lisboa; paiol de polvora; armazens; cisterna; e as mais officinas proprias de uma fortaleza que desfructa as honras de praça de guerra de primeira ordem, e que é governada, n'esta qualidade, por um official general. Guarnecem-lhe as differentes baterias setenta canhões. [1]

O logar de Carcavellos fica a pouca distancia da torre de S. Julião, para o interior. Pertence ao concelho de Oeiras. Compõe-se de uns 55 fogos, e 230



Palacio do sr. morgado da Alagôa, em Carcavellos

e tantos moradores, com uma egreja parochial, dedicada a Nossa Senhora dos Remedios. É sitio saudavel, mas agreste, e a povoação não é bonita. Todavia é celebre pelos excellentes vinhos que produz, os quaes, com o nome da terra, são exportados e apreciados como vinhos generosos.

Ha em Carcavellos algumas boas quintas, porém são mais de rendimento que de recreio. Uma d'ellas é propriedade dos srs. condes da Lapa, e tem soffrivel casa de residencia, com jardim e muitas arvores silvestres. Era muito rendosa antes da molestia das vinhas, porque recolhia na sua adega um dos melhores vinhos d'aquella localidade.

Entre o logar de Carcavellos e o Oceano está a Quinta Nova de Santo Antonio, pertencente ao sr. morgado da Alagôa. É notavel pelo rico palacio que se ergue no centro d'ella. Fundou-a o avô do actual proprietario, que se chamava José Francisco da Cruz, que foi thesoureiro do real erario, e creado por el-rei D. José morgado titular da Alagôa. Era irmão de Anselmo José da Cruz, senhor dos morgados e da villa de Sobral de Monte Agraço, e bisavô da sra. condessa do Sobral.

O palacio tem quatro frentes: uma para um grande pateo, ao qual conduz uma extensa alameda, que principia junto ao logar de Carcavellos; duas deitam para a quinta; e a quarta cae sobre o jardim, e está voltada para o Oceano, que lhe fica proximo, de modo que os seus torreões se avistam do mar a muitas legoas de distancia, servindo por isso de balisa aos navegantes. É d'este lado que o representa a nossa estampa.

Contém uma boa ermida dedicada a Santo Antonio, e muitas e grandes salas. Duas d'estas são tão vastas como o salão de entrada do theatro de S. Carlos. Uma olha para o pateo, a outra para o jardim. Esta é a mais nobre, e occupa todo o corpo central da fachada, de sorte que as janellas superiores fazem de tribunas para o interior, sendo guarnecidas de balaustrada. É uma rica sala, construida com muita grandeza. Pendem-lhe do tecto tres grandes lustres. Adornam-lhe as paredes dois quadros a oleo com os retratos, em corpo inteiro, do fundador e de sua esposa; e nos cantos é decorada com quatro bustos de marmore de Carrara, de proporções naturaes, primorosamente esculpidos, e collocados sobre altos e esbeltos pedestaes, tambem de marmore. Representam, se bem es-

[1] Vid. sobre os melhoramentos feitos modernamente o que se diz a pag. 376. Vid. tambem as gravuras a pag. 284, 285, 309 e 376.

tamos lembrados, Luiz XIV, rei de França, e outros personagens d'essa epocha.

El-rei D. José gostava muito d'este palacio, e ahi foi algumas vezes almoçar, nos dois annos em que tomou os banhos do Estoril. A quinta acha-se em muita decadencia. Nunca foi bella, e só correspondeu outr'ora ao palacio pelo seu rendimento, pois chegou a produzir quinhentas pipas de excellente vinho.

De Carcavellos segue a estrada real para o Estoril, onde existem aguas thermaes, proprias para molestias cutaneas, e d'ahi para a villa e praça de Cascaes.

Continuaremos a publicar no seguinte volume mais alguns fragmentos do nosso roteiro de Lisboa.

I. de Vilhena Barbosa.

RECTIFICAÇÃO

A quinta no sitio do Dáfundo, que dissemos a pag. 371 pertencer actualmente ao sr. Gaspar José Vianna, é dos herdeiros do fundador da mesma quinta, Luiz Monteiro.

PEDRO MASCARENHAS

(Conclusão. Vid. pag. 311)

Recolhido Pedro Mascarenhas á fortaleza de Cananor, alli o conservaram em ferros, posto que bem tratado e servido como á sua pessoa cumpria.

Passado tempo enviou o preso a Goa um seu confidente, Mem Vaz de Barbuda, com dois requerimentos: um para o governador da India, Lopo Vaz de Sampaio, e outro para a camara da cidade. Levou este emissario um tabellião publico, a fim de lavrar instrumento do que se passasse.

Barbuda foi a casa do governador, e disse-lhe: «Senhor, aqui vos apresento este papel, em que Pero Mascarenhas vos pede justiça, e requer da parte del-rei que lh'a guardeis; e pede a todo-los fidalgos da India que lh'a façam guardar, e que respondaes com justiça e verdade, como sois obrigado».

Lopo Vaz retorquiu-lhe: «Não havia lá outra ovelha peior no fato? Levae-o ao curral, e carregae-o de ferros no pescoço».

E logo o levaram ao tronco, dizendo elle: «Senhores, sereis testimunhas que Lopo Vaz não quer guardar justiça ao que lhe requeiro da parte del-rei, no que desobedece a sua real justiça e estado. Mas se em Goa estão fidalgos de primor e honra, elles sairão e punirão pelo estado del-rei nosso senhor».

E, caminho da cadeia, foi dando grandes brados pelas ruas, o que fez muito alvoroço no povo. O tabellião fugiu, porque os criados de Lopo Vaz o espancaram e queriam matar.

Sabido isto em Cananor, o capitão da cidade, D. Simão de Menezes, ficou mui escandalisado do procedimento brutal de Lopo Vaz, e mandou dizer a Pedro Mascarenhas que o soltaria se lh'o elle requeresse.

«Então Pedro Mascarenhas mandou chamar o feitor, escrivães e mais officiaes, e os casados, e perante todos fez um protesto a D. Simão, mandando-lhe ler os requerimentos que mandára fazer a Lopo Vaz, e a resposta que deu a elles, e mandou a Mem Vaz que recitasse alli tudo o que passára, e o modo por que fôra a prisão d'aquelles fidalgos. Depois de tudo isto notificado, lhe requereu da parte del-rei, que pois Lopo Vaz se não queria pôr com elle a direito, antes mostrava usar de força, que o reconhecessem a elle Pero Mascarenhas por governador da India, conforme áquella successão del-rei e o auto da posse que fôra dada n'aquella fortaleza, mandando ler tudo novamente; e que pois Lopo Vaz não queria justiça, para isso tinha el-rei fidalgos como elle na India, para não consentirem coisas tanto contra o seu serviço. D. Simão logo mandou tirar os ferros a Pero Mascarenhas, e o levou á egreja, e presente o povo todo mandou ler a successão em que elle succedeu por morte de D. Henrique de Menezes, e o auto da entrega da governança, que foi feita a Lopo Vaz até sua vinda de Malaca, e das resistencias que Affonso Mexia fez em Cochim, e todas as mais coisas passadas até áquelle dia. Depois de tudo lido, disse Pero Mascarenhas alto que todos ouviram:

«Tudo isto, senhores, vos foi notificado, para que saibaes quão injustamente fui injuriado, preso e maltratado como se fôra algum malfeitor, quizera entregar a India aos moiros, sobre a mercê que me fez el-rei da governança da India, pelos muitos e mui grandes serviços que n'ella, e em outras partes, lhe tenho feito; e agora, para remate de todos, e com elles segurar Malaca com a tomada de Bintão, cuidando que vinha receber o galardão d'elles, fui espancado por Affonso Mexia, preso em ferros de Lopo Vaz, coisa tão feia, que até os moiros e gentios de todo o Oriente se escandalisaram d'isso.

Affonso Mexia, em razão de seu officio era obrigado a favorecer o serviço del-rei, e não consentir a Lopo Vaz fazer-me tamanha força; mas fez tanto ao contrario, que como meu inimigo capital urdiu todas estas dissenções, com querer dar entendimento á carta del-rei differente do que era sua tenção, e tem com isso posto a India em bandos, divisões e em perigo de se perder; e Lopo Vaz o ajuda por sua parte em se não querer pôr commigo a direito, e por não ir a requerer minha justiça (por saber que a tenho) me impediu a entrada em Goa, mandou-me preso em ferros, como vistes, para esta fortaleza, como se eu pretendêra entregar o estado da India ao turco; e publicamente diz que por armas se ha de sustentar n'aquelle logar, e assi parece que quer n'ellas pôr sua justiça, pois prende e maltrata a todos que por minha parte lh'a requerem; e agora com a prisão d'aquelles fidalgos, que são os principaes que el-rei tem na India, ficou tão ufano, que segundo tenho por cartas, está apostado a vir cercar esta fortaleza, e prender o sr. D. Simão. Todas estas coisas são mui claros signaes de homem alevantado, e que lhe dá pouco, assi da provisão del-rei, como de tão honrados vassallos como tem n'este estado; e a todos os que não são seus parentes e criados, parece mal o modo de como procede n'este negocio. Pelo que, senhores, vos requeiro a todos os que presentes estaes, e de novo o torno a fazer ao senhor capitão, e officiaes da justiça e fazenda del-rei, que visto a contumacia de Lopo Vaz, e como quer usar de força e não de justiça, que todos me hajaes por vosso governador, e me entregueis a India por vossa parte, pois todos já me obedecestes, para que com este favor, e com outros que espero, possa constranger Lopo Vaz a se pôr commigo a direito, para que fique a governança a cuja for, porque não pretendo outra coisa mais que paz e quietação da India, porque se não perca vindo a ella a armada dos turcos. E torno de novo a requerer, e a vos notificar, que consintaes no que vos peço; e quando não, protesto del-rei vol-o estranhar, e de lhe dardes conta dos males que succederem, e de haver por vossas fazendas todas as perdas e damnos que d'isso receber. De tudo isto que tenho dito, vós, tabellião, me dareis um instrumento com suas respostas, ou sem ellas. E calou-se.

Vendo Lopo Vaz que Pedro Mascarenhas estava solto, não tendo força bastante para castigar D. Simão de Menezes, por lhe haver dado a liberdade, receiou então alguma revolta dos parciaes de Mascarenhas, que eram muitos e poderosos. Para atalhar este perigo, conveiu em pôr a causa a juizo de arbitros, se-

gundo lhe requeria Pedro Mascarenhas. Fez-se a pauta dos juizes que haviam de sentenciar o pleito, a qual se compunha de sete, tres nomeados por cada uma das partes, e um pela camara de Goa, entrando n'este rol cinco fidalgos e dois frades. Foi mui contestada de parte a parte a formação d'esta pauta, porque os parciaes de Mascarenhas diziam que a maioria dos juizes estava subornada por Lopo Vaz; mas apenas tiveram força para excluir um dos frades, fr. João Dalvi, dominicano.

Assentou-se que ambos os contendores fossem esperar a decisão da causa no porto de Cochim, a bordo das suas caravellas, sem terem communicação com a terra. Antonio de Miranda de Azevedo, capitão-mór do mar, foi escolhido para governador interino da India, em quanto se não julgava a validade da contestada por Mascarenhas, obedecendo ambos a esta nova auctoridade.

Diogo do Couto conta a este respeito um dito del-rei D. João III, que merece aqui menção.

Diz elle: Sendo eu moço, servindo a el-rei D. João na guarda roupa, ouvi dizer aos fidalgos velhos d'aquelle tempo, fallando d'estas coisas, que dissera el-rei, que Antonio de Miranda não soubera ser governador da India. E em uma falla que o mesmo Antonio de Miranda lhe fez sobre seus serviços, dizem que lhe respondêra el-rei, que de uma só coisa se não houvera por bem servido d'elle, que fôra não lhe mandar presos Lopo Vaz e Pero Mascarenhas, depois de os ter em seu poder, o que elle bem podéra fazer, ficando com o titulo de capitão-mór até el-rei prover.

A sentença dos arbitros, tal qual a transcreve Gaspar Corrêa, é do teor seguinte:

«Vistos estes autos, processados entre partes Pero Mascarenhas auctor, contra Lopo Vaz de Sampaio, e papeis por elles apresentados, a saber: libello de Pero Mascarenhas, e contrariedade de Lopo Vaz réo, e reprica e trepica e razões allegadas, e prova dada pelos papeis com que as partes se lançaram em signal, o que todo por nós visto e bem examinado, conformando-nos com a vontade del-rei nosso senhor pelo alvará apresentado pelo réo, que precede todas as provisões antes d'elle feitas, em que sua alteza desfez as successões velhas, mandando que d'ellas se não usasse, e cerradas lhe fossem levadas, em que claro mostra não querer que o auctor Pero Mascarenhas seja governador, mas que se usasse de novas succesões que mandava, resguardando que não sendo passadas á India, todavia não se abrissem as velhas, e que em tanto Lopo Vaz fosse governador até ellas chegarem, porque na primeira successão o fazia governador: pelo que, conforme a manifesta vontade del-rei nosso senhor, julgâmos que por bem de todos, e da India ficar mais assentada em mansidão do povo, e por se escusarem os males que podem succeder do impeto que o auctor tem, contra os que lhe males fizeram, de que se queixa e mostra aggravado: julgâmos que Lopo Vaz de Sampayo esteja em sua posse da governança da India, em que está, e seja governador, segundo nos parece, por direita justiça. E o auctor Pero Mascarenhas, se quizer, se torne á sua capitania de Malaca, se a quizer acabar de servir, dando a obediencia e menagem a Lopo Vaz governador; e se não quizer se vá para o reino, ante el-rei nosso senhor requerer sua justiça, se entender que a tem; e lhe sejam dados todos os instrumentos e papeis que pedir, sem sair a terra».

Publicada esta sentença, Lopo Vaz voltou para Goa, e Pedro Mascarenhas regressou ao reino, tendo primeiro appellado dos juizes para el-rei.

Chegado a Lisboa, D. João III recebeu-o com muitas honras, e mandou que a appellação fosse julgada na relação, o que assim se fez, sendo revogada a sentença dada na India, e condemnado Lopo Vaz de Sampayo a pagar a Pero Mascarenhas vinte mil cruzados dos seus ordenados e precalços.

El-rei nomeou Mascarenhas capitão de Azamor, e depois o mandou em companhia do infante D. Luiz na armada que foi com o imperador á conquista de Tunes, morrendo desgraçadamente afogado n'uma caravella que se perdeu.

Eis em resumo a historia da mais vergonhosa dissenção que houve na India portugueza, n'aquelles tempos heroicos.

O que succedeu a Lopo Vaz, quando regressou a Portugal, debaixo de prisão, contal-o-hemos no seguinte volume.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Ao encerrarmos este volume, sexto da já avultada collecção do *Archivo Pittoresco*, é nosso dever dar graças aos numerosos assignantes que auxiliaram esta custosa publicação, e á imprensa de Portugal e do Brasil, que tanto coadjuva a divulgação d'este semanario em ambas as nações, irmãs na linguagem e nos affectos que as unem e glorificam.

Tendo a patriotica e illustradissima Sociedade Madrépora estabelecido no Rio de Janeiro um gabinete de leitura para os seus associados, o *Archivo* troca com todos os jornaes politicos e litterarios, sem excepção, a fim de que os nossos concidadãos residentes n'aquelle imperio, tenham conhecimento de quantas publicações periodicas ha no reino, o que até então ignoravam, porque só os jornaes de maior nomeada chegavam á America.

Esta fraternidade litteraria tem aproveitado não só aos nossos collegas, porque muitas assignaturas se fazem já para o Brasil por intervenção dos editores do *Archivo*, mas tambem este augmenta no conceito publico e em extracção, pelas officiosas e benevolas recommendações que elles repetidamente fazem do conteudo de cada numero, mercê que esperâmos nos hão de continuar, e que de novo lhes agradecemos.

Vê-se pelo successivo augmento do numero dos leitores, que a cultura intellectual do povo se propaga e fortifica. É logo imperioso dever de todo o bom escriptor, não ter em ocio vil a penna que Deus lhe poz nos dedos para instrucção e recreação dos seus similhantes.

As nossas paginas estão francas a todos esses, e os editores do *Archivo* são bizarros em recompensar as fadigas de tão penoso mister.

Parece-nos ter cumprido com escrupulo o programma que adoptámos para a publicação d'este semanario, promiscuamente litterario e artistico.

Tanto os desenhos como as gravuras, tem melhorado de volume para volume. Das 145 estampas contidas n'este tomo, 125 são desenhadas originalmente, e de assumptos nacionaes, quasi todos ainda não tratados.

Aos entendedores deixâmos o cuidado de avaliar o merecimento d'este trabalho dos nossos assiduos e desvelados collaboradores artisticos.

Novos collaboradores litterarios vieram n'este volume reforçar a velha guarda, que desde o começo tem presidiado esta torre do tombo dos nossos antigos monumentos, tradições e glorias. N'este volume temos a ufania de contar já alguns escriptores brasileiros, que se dignaram enviar-nos muitos artigos de reconhecido valor.

Contando com todos estes auxiliares, o *Archivo* progredirá, tendo além d'isso o generoso patrocinio da benemerita Sociedade Madrépora.

A. da Silva Tullio.

INDICE

(Os asteriscos antes da indicação das paginas designam gravuras)

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.